

CAPÍTULO 1

Mr. Verloc, ao sair pela manhã, deixou a loja formalmente entregue ao seu cunhado. Podia fazê-lo porque nessa altura havia pouco negócio, e praticamente nenhum antes do cair da noite. Mr. Verloc estava pouco preocupado com o seu negócio mais visível. E, além disso, o cunhado ficava entregue à sua esposa.

A loja era pequena, tal como a casa. Era uma daquelas casas de tijolo escurecido pela fuligem, que existiam em grande quantidade antes da era da reconstrução ter descido sobre Londres. A loja era um espaço quadrado, com a fachada revestida de pequenos painéis envidraçados. Durante o dia a porta permanecia fechada; à noite ficava aberta, de forma discreta mas suspeita.

A montra continha fotografias de bailarinas mais ou menos despidas; pacotes indefinidos com o aspecto de medicamentos embrulhados; envelopes de papel amarelo fechados, muito finos, marcados duas libras e seis *pence* em pesados números a negro; alguns números de antigas publicações cómicas francesas penduradas num fio, como roupa a secar; uma velha taça de porcelana azul, um guarda-jóias de madeira escura, frascos de tinta para marcar roupa e selos de borracha; alguns livros com títulos que sugeriam conteúdos menos próprios; algumas cópias, aparentemente antigas, de jornais obscuros, mal impressos, com títulos como *Torch* ou *Gong* — títulos provocadores.

E os dois queimadores de gás dentro das montras estavam sempre baixos, a bem da economia ou para bem dos clientes.

Estes clientes eram jovens adultos, que se demoravam em frente à montra durante algum tempo antes de entrarem rapidamente, ou homens de mais provecta idade, mas geralmente com aspecto de estarem mal de finanças. Alguns deste último tipo tinham os colarinhos dos sobretudos virados para cima, até ao bigode, e restos de lama na parte inferior das calças, que pareciam ter muito uso e pouco valor. E as pernas dentro delas, de forma geral, também não pareciam merecer muito crédito. Entravam de lado, com as mãos enterradas nos bolsos dos casacos, primeiro um ombro, como se receassem fazer o sino tocar.

O sino, pendurado na porta através de uma faixa de metal, era difícil de evitar. Estava irremediavelmente rachado; mas depois do cair da noite, à mínima provocação, estremecia atrás do cliente com uma virulência desavergonhada.

Estremecia; e com esse sinal, passando pela porta envidraçada e empoeirada atrás do balcão pintado, Mr. Verloc acorria apressado, vindo da salinha das traseiras. Tinha os olhos naturalmente pesados; tinha o ar de alguém que se espojara todo o dia, completamente vestido, numa cama por fazer. Outro homem sentiria uma tal aparência como sendo uma clara desvantagem. Numa transacção comercial no campo do retalho, muito depende do aspecto cativante e amistoso do vendedor. Mas Mr. Verloc conhecia a sua profissão e nenhuma dúvida estética acerca da sua aparência o perturbava. Com uma insolência firme e confiante, que parecia esconder a ameaça de algo abominável, tratava de vender por cima do balcão um qualquer objecto que, óbvia e escandalosamente, não valia o dinheiro envolvido na transacção: uma pequena caixa de cartão aparentemente vazia, por exemplo, ou um daqueles finos envelopes amarelos cuidadosamente fechados, ou um volume com a capa de papel manchada e um título promissor. De vez em quando acontecia uma das bailarinas amarelas e desbotadas ser vendida a um admirador, como se estivesse viva e jovem.

Por vezes era Mrs. Verloc quem acorria ao chamamento do sino rachado. Winnie Verloc era uma mulher jovem, com um peito cheio num corpete apertado e ancas largas. O cabelo estava muito cuidado. Com o mesmo olhar confiante do marido, mantinha um ar de insondável indiferença atrás da muralha do balcão. Nessas alturas o cliente comparativamente mais verde em anos ficava subitamente desconcertado ao ter de lidar com uma mulher e, com o coração cheio de raiva, pedia um frasco de tinta para marcar, valor de revenda seis *pence* (preço na loja de Verloc, uma libra e seis *pence*), que, uma vez na rua, despejava furtivamente na sarjeta.

Os visitantes nocturnos — os homens com colarinhos erguidos e chapéus macios enterrados na cabeça — acenavam familiarmente a Mrs. Verloc e, murmurando uma saudação, erguiam a prancha ao fundo do balcão para passarem à salinha das traseiras, que dava acesso a uma passagem e a um íngreme lanço de escadas. A porta da loja era o único meio de entrada na casa onde Mr. Verloc desempenhava o seu papel de vendedor de produtos suspeitos, exercia a sua vocação de protector da sociedade e cultivava as suas virtudes domésticas. Estas últimas eram bem evidentes. Estava perfeitamente domesticado. Nenhuma das suas necessidades, espirituais, mentais ou físicas seriam capazes de o levar para muito longe dali. Encontrava no seu lar o bem-estar para o corpo e a paz para a sua consciência, juntamente com as atenções conjugais de Mrs. Verloc e a consideração atenciosa da mãe de Mrs. Verloc.

A mãe de Winnie era uma mulher sólida e arquejante, com um rosto escuro e grande. Usava uma peruca negra sob o chapéu branco. As pernas inchadas reduziam-na à inactividade. Considerava-se de ascendência francesa, o que poderia ter sido verdade; e após bastantes anos de vida conjugal com um estalajadeiro da mais vulgar espécie, garantiu os seus anos de viúva alugando apartamentos mobilados a cavalheiros perto da Estrada de Vauxhall Bridge, numa praça de antigo esplendor e ainda incluída na zona de Belgravia. Este facto topográfico dava-lhe

alguma vantagem para alugar os seus quartos, mas os clientes da valorosa viúva não eram exactamente do tipo mais desejável em sociedade. Sendo assim, a sua filha Winnie ajudava a olhar por eles. Traços da ascendência francesa apregoada pela viúva eram também visíveis em Winnie. Eram visíveis no arranjo extremamente cuidado e artístico do seu cintilante cabelo negro. Winnie tinha ainda outros atractivos: a sua juventude; a sua forma cheia e arredondada; os seus traços claros; a provocação da sua reserva insondável, que nunca chegava ao ponto de impedir a conversa, animadamente levada a cabo pela parte do residente e, pela dela, com uma amabilidade serena. Mr. Verloc era seguramente susceptível a estes fascínios. Mr. Verloc era um cliente intermitente. Vinha e partia sem qualquer razão aparente. Geralmente chegava a Londres vindo (tal como a gripe) do continente, só que chegava sem ser anunciado pela imprensa; e as suas visitas tinham sempre grande severidade. Tomava o pequeno-almoço na cama e permanecia lá, com um ar de calmo prazer, todos os dias até depois do meio-dia — e por vezes até mais tarde. Mas quando saía parecia sentir uma grande dificuldade em encontrar o caminho de volta para a sua residência temporária na praça em Belgravia. Saía tarde e regressava cedo — tão cedo como três ou quatro da manhã; e, ao acordar, dirigia-se a Winnie, que trazia o tabuleiro do pequeno-almoço, com uma civilidade brincalhona e cansada, com o tom rouco e abatido de um homem que falara com veemência durante várias horas seguidas. Os seus olhos salientes e de pálpebras pesadas rolavam amorosa e languidamente, as cobertas eram puxadas até ao queixo e o seu bigode escuro e suave cobria os lábios espessos, capazes de muita conversa melíflua.

Na opinião da mãe de Winnie, Mr. Verloc era um cavalheiro muito simpático. A partir da sua experiência de vida, reunida em várias «casas de negócios», a boa senhora levava para a sua reforma uma ideia de cavalheirismo igual ao exibido pelos clientes dos bares privados. Mr. Verloc aproximava-se desse ideal; na verdade atingia-o.

— É claro que ficaremos com a sua mobília, mãe — observara Winnie.

A hospedaria deveria acabar. Aparentemente não valeria a pena mantê-la. Teria sido demasiado incómodo para Mr. Verloc. Não teria sido conveniente para o seu outro negócio. O que era esse negócio ele não disse; mas, depois do seu noivado com Winnie, ele dava-se ao incómodo de se levantar antes do meio-dia, descia as escadas para o rés-do-chão e era agradável para com a mãe de Winnie, na sala do pequeno-almoço desse piso, onde ela tinha o seu corpo imóvel. Fazia festas ao gato, remexia as brasas do lume, almoçava ali. Deixava o seu conforto vagamente abafado com evidente relutância mas, de qualquer maneira, permanecia por fora até a noite ir muito avançada. Nunca se oferecia para levar Winnie a teatros, como um cavalheiro tão simpático deveria fazer. O seu trabalho era, de certa forma, político, dissera uma vez a Winnie. Ela teria de ser, avisou-a ele, muito simpática com os seus amigos políticos. E com o seu olhar directo e insondável ela respondera-lhe que obviamente o seria.

Era impossível a mãe de Winnie descobrir o que mais ele lhe contara acerca da sua ocupação. O casal levou o seu fogão com a mobília. O aspecto rude da loja surpreendeu-a. A mudança da praça de Belgravia para a rua estreita no Soho afectou negativamente as suas pernas, que ficaram de um tamanho enorme. Por outro lado, sentiu-se completamente aliviada de todas as preocupações materiais. A natureza pesada e fiável do seu genro inspirava-lhe uma sensação de absoluta segurança. O futuro da sua filha estava obviamente assegurado e, mesmo em relação ao seu filho Stevie, não precisava de sentir qualquer ansiedade. Não fora capaz de esconder de si mesma que ele era um terrível estorvo, o pobre Stevie. Mas, em face do carinho de Winnie para com o seu delicado irmão e da disposição boa e generosa de Mr. Verloc, ela sentia que o pobre rapaz estava razoavelmente seguro neste mundo duro. E no fundo do seu coração não lhe desagradava que os Verloc não tivessem filhos. Uma vez que essa circunstância parecia perfeitamente indiferente a Mr. Verloc e